

# FH, <sup>258</sup> um presidente de pilha nova <sup>709</sup>

Cezar Loureiro/17-4-95

TALES FARIA e TEREZA CRUVINEL

BRASÍLIA — Medidas na área econômica para frear o consumo e proteger o Plano Real, o prometido salário-mínimo de R\$ 100, dezenas de telefonemas para parlamentares, enfrentamento com o PMDB e uma vitória na votação da admissibilidade da reforma previdenciária na Câmara atribuída à sua atuação. O presidente Fernando Henrique Cardoso que voltou da viagem aos Estados Unidos não é o mesmo que havia deixado o país.

— Com a viagem, ele recobrou a noção sobre sua estatura e seu poder. Fernando Henrique está outro homem — comemorava o líder do PSDB na Câmara, José Aníbal.

Sua opinião é compartilhada por quase todos os que estiveram com o presidente durante a semana. Ele passou a exercer sua autoridade e mostrar habilidade política e poder de sedução, como observa o presidente do PSDB, Arthur da Távola:

— Ele mudou por dentro e por fora. Está com um saudável apetite para governar.

— O presidente está exalando determinação — atesta o pefelista Luís Eduardo Magalhães, presidente da Câmara.

— Ele está como diziam do ex-presidente Juscelino Kubitschek: quem não quer se deixar seduzir, que passe a três léguas de distância — completa Jorge Bornhausen, presidente do PFL.

Todos concordam que a viagem aos EUA foi decisiva para a virada. O presidente que deixou o Brasil no dia 17, carregava uma bagagem de derrotas. Mas nos EUA, tratando com o presidente Bill Clinton ou com autoridades financeiras do porte de John Reed, presidente do Citicorp, e falando em fóruns de prestígio como o Council on Foreign Relations, Fernando Henrique viu-se maior que o homem que vinha enfrentando protestos contra as reformas e sofrendo pequenas chantagens de aliados. Em conversa com Clinton, ouviu



O presidente Fernando Henrique: fortalecido após viagem aos EUA arranca elogios de seus principais aliados

do presidente da nação mais poderosa do mundo que ele ficara muito feliz com sua eleição no Brasil e que as expectativas internacionais são de que o Brasil torne-se um interlocutor de primeira classe.

Ainda antes de voltar, Fernando Henrique acenou para os que o acompanhavam na viagem: estava convencido de que precisava tomar as rédeas da articulação política, da mesma forma que fizera quando ministro da Fazenda de Itamar, para aprovar o Fundo Social de Emergência.

O senador Antônio Carlos Magalhães, membro da comitiva, foi o primeiro a perceber. Tão logo chegou de Washington, confidenciou aos de sua confiança: vem aí um outro presidente. O

mesmo ocorreu com o ex-presidente do PSDB, Pimenta da Veiga. Os dois desencadearam uma onda de expectativas na volta do presidente.

Mas os líderes dos partidos da base governista só perceberam isso, e com surpresa, no café da manhã de terça-feira. O presidente estava cortês como sempre, mas era o dono da palavra. O primeiro a levantar a idéia de adiar a votação da admissibilidade da emenda da Previdência foi o líder do PFL, Inocêncio Oliveira. Foi interrompido. Adiar soaria como derrota para o Governo. Quando o líder do PMDB, Michel Temer, retomou a idéia do adiamento, foi cortado pelo presidente:

— Como é que o país vai acre-

ditar que posso aprovar as reformas econômicas no plenário se recuarmos de uma votação na Comissão de Justiça?

Num lance de ousadia, o presidente topou o desafio do PMDB, que decidira não atender a seu pedido.

— Então vamos votar sem o PMDB — disse a um pálido Luiz Henrique, presidente do partido.

O PMDB deu no dia seguinte uma envergonhada marcha-a-ré, liberou seus deputados e nove dos onze votaram com o Governo. Fernando Henrique estava certo.

**Na página 4, 'Sem propostas, oposição se limita a tentar obstrução das reformas'**